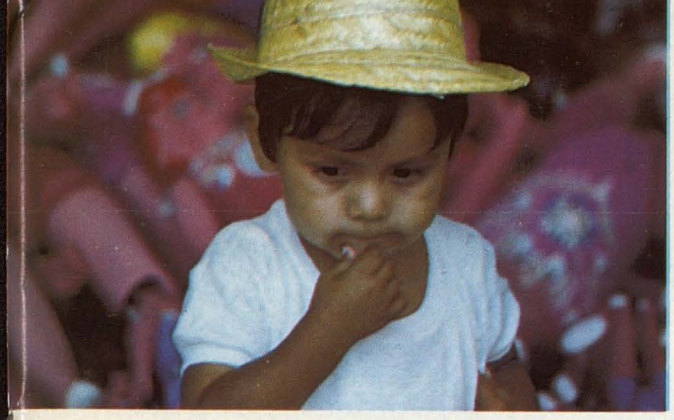
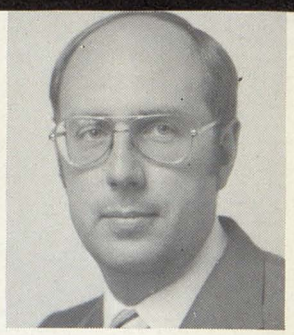


A Liahona 34/4 ABRIL 1981



A Liahona

Abril de 1981
PBMA0551PO
SÃO PAULO - BRASIL

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust

COMITÊ DE SUPERVISÃO:
M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche

EXECUTIVO DO «INTERNATIONAL MAGAZINE»:
Larry Hiller, Editor Gerente;
David Mitchel. Editor Associado;
Bonnie Saunders Seção Infantil;
Roger Gylling, desenhista;

EXECUTIVO DE A LIAHONA:
Danilo Talanskas, Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado, Editor;
Victor Hugo da Costa Pires, Assinaturas;
Orlando Albuquerque, Supervisor de Produção

HISTÓRIAS E DESTAQUES

1. Mensagem da Primeira Presidência: **Ensinar Filhos de Deus,** Presidente N. Eldon Tanner
5. **"Teu Companheiro Constante": As Prometidas Bênçãos do Espírito Santo,** Spencer J. Condie
10. **Perguntas e Respostas,** Larry Hiller
13. **A Bênção Devolvida,** Hans-Wlhelm Kelling
15. **Pensamentos a Ponderar,** Hugh W. Pinnock
17. **Querer Bem às Coisas que Deus Ama,** Dennis R. Peterson
21. **A Batalha Vencida,** Constance Polve
25. **Vocês estão Prontos para o Exame Final?,** Élder Dean L. Larsen
28. **O Dízimo Funciona,** Keith Moore
29. **Ser Missionário,** Élder LeGrand Richards

SEÇÃO INFANTIL

I. O CACTO, A CRUZ E A PÁSCOA, Jeffrey R, Holland
IV. A PRECE, Susan Piele
VII. JOHN TAYLOR 1808-1887
VIII. SÓ PARA DIVERTIR

NOTÍCIAS LOCAIS

I Novos Diretores do C T M
II Centro de Treinamento Missionário
V Deus Desceu dos Céus
VI Oficial SUD Assume Importante Comando Militar
VIII Mais Um Casal No Campo Missionário
IX A Estaca de Santos Reverencia a Memória de Um Líder
X A Resposta
XI Jovem Santista Recebe o Diploma de "Praça Mais Distinta"
XII Como Minha Família Tem Fortalecido Meu Testemunho
XIII Meu Testemunho
XIV E As Coisas Como É Que Estão?
XV Entre Nós

Fotos da capa por Don Marshall

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o nº 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal* 26023, *São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: *Cr$ 100,00* para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: *Cr$ 10,00.* As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta e impressa por Bandeirante S.A. Gráfica Editora, Rua Joaquim Nabuco, 351 - Fone 4523444 - São Bernardo do Campo - S.P. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração, Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.

Mensagem da Primeira Presidência

Ensinar Filhos de Deus

Presidente N. Eldon Tanner

Esta mensagem é dirigida a todos os que atualmente servem em cargos de liderança na Igreja, ou que, eventualmente, venham a ocupá-los, e àqueles que os seguem.

Como membros da Igreja, cada um de nós tem de reconhecer sua responsabilidade individual na promoção do reino de Deus, que é sua igreja na terra. Existem certos pontos fundamentais que precisamos reconhecer, a fim de assumir tais

responsabilidades e nos desincumbir devidamente delas.

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que todos somos filhos espirituais de Deus. Penso que não existe melhor maneira de explicar quem somos e por que estamos aqui, do que citar a letra de um hino muito conhecido:

Sou um filho de Deus,
Por ele estou aqui.
Mandou-me a terra, deu-me um lar
e pais tão bons para mim.

Sou um filho de Deus,
Não me desampareis.
Hoje mesmo começai
a ensinar-me as leis.

Sou um filho de Deus,
E galardão terei.
Se cumpro sua lei aqui,
Com ele viverei

Estribilho:

Ensinai-me, ajudai-me, as leis de Deus guardar.
Para que um dia eu vá com ele habitar.
(Cante Comigo, B-76)

É um privilégio maravilhoso ser membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e nela poder trabalhar sob a direção de um profeta, sabendo que estamos fazendo a vontade de Deus. Eu sei e dou testemunho de que o Presidente Spencer W. Kimball é um profeta de Deus e dirige os negócios de sua igreja na terra, hoje.

Em minha opinião, não pode haver maior chamado do que ser um professor em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Nós todos somos professores de uma forma ou de outra, independentemente de havermos sido chamados e designados como tal. O próprio Salvador era reconhecidamente o Mestre dos mestres. Esforcemo-nos de todas as maneiras para imitar seu exemplo.

Toda vez que me lembro de sua visita ao povo do continente americano, sinto-me tocado. Este incidente, assim como outras histórias de sua vida e suas parábolas, é o melhor meio que conheço para entendermos que Jesus Cristo realmente vive, que se interessa por nós, nos ama e deseja que façamos o certo para podermos ser felizes.

Certamente não existe melhor maneira de ressaltar para crianças - e aos olhos do Pai Celeste todos nós o somos - o grande amor e cuidado de Jesus por nós, do que lendo as escrituras a respeito de sua visita ao continente americano.

"E aconteceu, então, que ele ordenou que as criancinhas fossem trazidas a sua presença.

"Trouxeram, pois, suas criancinhas e as colocaram no chão, ao redor dele, permanecendo Jesus no meio; e a multidão cedeu espaço, até que todas as crianças foram colocadas perto dele.

"E aconteceu que, após todas elas terem sido trazidas, Jesus, no meio delas, ordenou à multidão que se ajoelhasse em terra.

"E aconteceu que, depois de terem todos ajoelhado por terra, Jesus gemeu dentro de si mesmo e disse: Pai, estou apreensivo em virtude da maldade do povo da casa de Israel.

"E após haver dito estas palavras, ajoelhou-se também por terra; e eis que orou ao Pai, sendo que as coisas que disse em sua oração não podem ser escritas; e os da multidão, que o ouviram, deram testemunho.

"E desta forma testemunharam: Os olhos jamais viram e os ouvidos jamais ouviram até agora coisas tão grandes e maravilhosas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer ao Pai.

"E não há língua que possa falar, nem homem que possa escrever, nem podem os corações dos homens conceber tão grandes e maravilhosas coisas como as que vimos e ouvimos Jesus dizer; e ninguém pode calcular a extraordinária alegria que encheu nossas almas na ocasião em que o vimos orar por nós ao Pai.

"E aconteceu que, após terminar sua oração dirigida ao Pai, Jesus levantou-se; porém, tão grande era o júbilo da multidão, que se sentiram prostrados.

"E sucedeu que Jesus lhes dirigiu a palavra, ordenando que se levantassem.

"E levantaram-se da terra e ele lhes disse: Bem-aventurados sois, em virtude da vossa fé. Eis que agora é completa a minha alegria.

"E depois de ter dito estas palavras, chorou, e a multidão testificou disso; e tomou das criancinhas, uma a uma, abençoou-as e rogou por elas ao Pai.

"E, depois de ter feito isso, chorou de novo;

"E, dirigindo-se à multidão, disse: Olhai para vossas criancinhas,

"E, ao levantar a vista, dirigiram o olhar ao céu; e viram que se abriam os céus e deles desciam anjos que pareciam estar no meio do fogo; e os anjos desceram e circundavam aqueles pequeninos e eles foram rodeados por fogo e os anjos lhes ministraram." (III Néfi 17:11-24.)

Podeis imaginar um quadro mais comovente ou experiência mais maravilhosa? Este fato demonstra que o Senhor nos ama e que anjos zelam por nós. E também que podemos orar a um Pai amante que nos

ouve e responde às nossas preces. Uma das melhores maneiras de influenciar o pensamento e vida de nossas crianças é mantê-las em contato com bons pensamentos em forma de boas histórias, exemplos e ideais.

Como membros da Igreja, temos a suprema ventura de saber e poder testificar que Deus vive; que Jesus é o Cristo, que ambos têm um interesse pessoal em nós e que nós temos o verdadeiro e eterno evangelho. Vivamos cada dia de maneira que possamos demonstrar aos outros este nosso testemunho; que não temos disso a menor duvida; que amamos ao Senhor nosso Deus de todo o coração, poder, mente e força; e que estamos preparados para servi-lo em todas as coisas.

Disse ele:

"Se guardardes meus mandamentos, permanecereis em meu amor; do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço em seu amor." (João 15:10.)

Tenho observado e provado muitas vezes a veracidade desta admoestação e promessa do Salvador:

"Buscai primeiro o reino de Deus, e sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas." (Mat. 6:33.)

Hoje é tão fácil criar um interesse maior pelos negócios mundanos e pelo gozo das coisas profanas do que continuar buscando religiosamente primeiro as coisas de Deus e sua justiça. Assim, pois, é de suma importância que nos mantenhamos sempre alerta, lembrando que o exemplo ensina muito melhor que o preceito. Jamais nos esqueçamos o velho axioma: "Tuas ações falam tão alto que não consigo ouvir o que dizes."

Quão maravilhoso seria o mundo, se os líderes de todas as organizações vivessem de modo que pudessem dizer honestamente: "Vem, e segue-me", como fez o Salvador, na certeza de que assim os filhos de nosso Pai estariam seguindo os caminhos da verdade e retidão.

Sempre me sinto impressionado por este versinho que aprendi há muitos anos atrás:

Eu sou criança.
Em tuas mãos está meu destino.
Se venço ou fracasso,
Em grande parte depende de ti.
Ensina-me as coisas que trazem felicidade.
Dize-me como ser um bem para o mundo.

Se conseguirmos viver de maneira que possamos ensinar isto pelo exemplo e por preceito, ajudando os outros a fazer deste mundo um lugar melhor para se viver, teremos cumprido parte de nossa obrigação para com o Pai Celeste. Possamos ter todos a determinação de assim agir.

"Teu Companheiro Constante":

As Prometidas Bênçãos do Espírito Santo

Spencer J. Condie

No crepúsculo de seu ministério terreno, o Salvador começou a preparar os apóstolos para sua inevitável partida, assegurando-lhes: "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre." (João 14:16.)

"Se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei." (João 16:7.)

Embora dirigida aos antigos apóstolos de sua Igreja, esta promessa do Senhor estende-se a todo membro na atualidade. Dependendo do merecimento da pessoa, o Espírito Santo pode estar com pais e filhos, mestres familiares e profes-

soras visitantes, bem como com apóstolos e profetas.

No pungente discurso sobre o Consolador, tão eloqüentemente preservado por João, o Amado, o Senhor explica com alguns pormenores como o Espírito Santo pode influenciar nossa vida cotidiana. Os depoimentos verídicos a seguir ilustram essa influência.

"Não vos deixarei órfãos..." (João 14:18.)

A tristeza pesava sobre a congregação ao encerrarem-se os serviços fúnebres da jovem mãe falecida ao dar à luz. Apesar dos eloqüentes encômios, muitos dos ali reunidos sentiam certa amargura. Como podia um Pai Celeste amantíssimo permitir a morte daquela mãe tão jovem, deixando para trás quatro pequeninos a serem criados pelo pai sozinho?

Concluído o programa formal, o jovem pai levantou-se calmamente e se dirigiu ao púlpito.

— Sinto seu pesar e preocupação, — disse tranquilo, — e quero contar-lhes uma coisa. Nas primeiras horas após a morte de minha mulher eu não sabia como conseguiria suportar — como continuar vivendo sem ela. Mas depois minha alma foi tomada por um doce espírito de paz, e desde aí tenho certeza de que tudo acabará bem. Não se preocupem conosco, estaremos bem.

Então aquele mesmo espírito consolador tomou conta da congregação. Todos foram para casa confortados.

Ele "convencerá o mundo do pecado..." (João 16:8.)

Em seu magnífico discurso de ação de graças e advertência, o Rei Benjamim disse aos santos que, a fim de vencer o homem natural que temos em nós, devemos ceder ao "influxo do Espírito Santo". (Mosiah 3:19.) Aludindo ao fato de que o Espírito Santo procura ajudar-nos a vencer nossos pecados, Alma também admoesta seus irmãos a não disputarem "mais contra o Espírito Santo". (Alma 34:38.)

Segue-se o caso de um negociante de meia idade que sentiu vividamente a ação do Consolador induzindo-o a fazer o bem.

O Irmão Fernandes (nome fictício) havia vinte anos vinha lutando ingloriamente contra o vício do fumo. Ele gostaria de ser um membro realmente ativo da Igreja, mas esse vício formara como que uma barreira invencível entre ele, o Senhor e a Igreja.

Certo dia frígido de inverno, desgostoso com sua incapacidade de deixar de fumar um cigarro após o outro, sentiu-se induzido sutilmente pelo Espírito a deixar seu trabalho e dizer aos funcionários que ficaria fora o resto do expediente. A despeito do vento gelado e da grossa camada de neve recém-caída, foi a pé para um ermo desfiladeiro das montanhas. Querendo conversar com o Senhor à vontade em voz alta, embrenhou-se nele até onde pôde, na neve profunda.

Então, dirigiu-se ao Senhor com profunda humildade, rogando-lhe

forças para conseguir livrar-se do poder insidioso da nicotina. Depois de orar fervorosamente, levantou-se, sentindo-se um novo homem. Já não mais carregava o peso dos grilhões. Buscara a verdade e fora por ela libertado. Seis meses depois, foi chamado para servir como bispo de sua ala, responsabilidade que cumpriu com êxito e fidelidade.

Ele "vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito". (João 14:26.)

O candidato a professor universitário vinha estudando havia anos no empenho de conquistar o doutorado em uma das grandes universidades do país, e se preparara muito bem para o último exame oral. Ele e a esposa haviam jejuado e orado intensamente naqueles últimos dias antes da prova final, suplicando que o Espírito do Senhor o ajudasse.

"Alguns dos servos eleitos do Senhor — Enoque, Moisés e Elias — não sabiam falar com desenvoltura. Embora eloqüência e comunicabilidade sejam qualidades desejáveis na pregação do evangelho, é o Espírito Santo e não elas que produzem a conversão."

Na noite antes da prova oral aquele homem, ainda jovem, ficou rolando na cama sem conseguir adormecer. Então, conseguindo descontrair-se lentamente, começou a ver mentalmente as perguntas que lhe fariam na manhã seguinte, e se pôs a preparar as respostas.

De manhã, apresentou-se pontualmente diante da banca. Para sua grata surpresa, a primeira pergunta da banca examinadora coincidia exatamente com a que lhe ocorrera na noite anterior. E o mesmo aconteceu com as perguntas seguintes, feitas na exata ordem em que lhe haviam ocorrido durante a noite. Desnecessário dizer que passou o exame com excelência, e desde aí vem dedicando sua vida e profissão ao serviço do Senhor.

O "poder do Espírito Santo... leva... (o evangelho) aos corações dos filhos dos homens". (II Néfi 33:1.)

Fazia poucas semanas que o simpático jovem americano estava na Checoslováquia para pregar o evangelho ao povo, sem conhecer uma palavra do idioma do país. Agora chegara a hora de proferir seu primeiro sermão a um grupo de santos e pessoas interessadas. Seu companheiro, mais experiente, passara horas ajudando-o a escrever seu discurso, além de dar-lhe um glossário fonético para ajudá-lo a pronunciar as palavras daquele idioma bastante difícil. Agora estava só diante da congregação.

Enquanto o jovem falava, seu companheiro sênior sofria em silêncio ao ouvir o orador violar uma a uma todas as regras gramaticais da língua checa. Ainda bem que sua pronúncia era tão ruim, que poucos dos presentes sequer conseguiam acompanhar o que dizia.

Terminada a reunião, o jovem élder estava um tanto embaraçado e desapontado, até que uma senhora de meia idade foi ter com ele. Com os olhos ainda úmidos e voz insegura, ela lhe disse (com auxílio de um intérprete):

— Senti que tudo o que disse é verdade e quero ser batizada.

O Livro de Mórmon promete que "quando um homem fala pelo poder do Espírito Santo, esse poder leva suas palavras aos corações dos filhos dos homens." (II Néfi 33:1.)

Alguns dos servos eleitos do Senhor — Enoque, Moisés e Elias — não sabiam falar com desenvoltura. Embora eloqüência e comunicabilidade sejam qualidades desejáveis na pregação do evangelho, é o Espírito Santo e não elas que produzem a conversão.

O "Consolador"... vos ensinará todas as coisas..." (João 14:26.)

Dirigiu-se ao Senhor com profunda humildade, rogando-lhe forças para conseguir livrar-se do poder insidioso da nicotina. Depois de orar fervorosamente, levantou-se, sentindo-se um novo homem.

Marido e mulher entreolharam-se um pouco assustados, quando aqueles quatro irmãos de aparência distinta se acomodaram no sofá. A jovem mãe ficou embalando mansamente os gêmeos de dois meses, enquanto os filhos maiores, de três e cinco anos, examinavam inquisitivamente aqueles homens de ar tão solene.

Então o presidente da estaca falou: — Irmã, cómo se sentiria, caso eu lhe dissesse que o Senhor chamou seu marido como bispo da mais nova ala de Sião?

Olhando os quatro filhos, anteviu mentalmente as responsabilidades a mais que teria de enfrentar enquanto o marido cuidava de seus deveres de bispo. Mesmo assim, replicou sem hesitação:

— Se é o desejo do Senhor, apoiarei meu marido em tudo o que puder.

O marido já pensara na possibilidade de ser bispo um dia — lá pelos quarenta ou cinqüenta anos, quando estivesse devidamente preparado. Mas agora, mal chegara aos trinta! Embora alertado pelo Espírito dias antes, sentia-se totalmente despreparado e muitíssimo assustado. Passou noites seguidas sem dormir, pensando na magnitude de seu chamado. Como se faz para organizar uma nova ala? Como saber quem o Senhor desejava que escolhesse como conselheiros, oficiais e professoras da Sociedade de Socorro, mestres familiares, pessoal da Escola Dominical, regente do coro ou editor do boletim da ala? Não conseguia livrar-se daquela sensação inquietante de incapacidade.

Passados poucos dias, numa reunião com a presidência da estaca, os bispos mais antigos e experientes ofereceram-lhe conselhos e sugestões. O jovem bispo recebeu ainda manuais de instrução, o guia do bis-

po, boletins do sacerdócio e outros materiais proveitosos. Os membros da presidência da estaca compartilharam com ele a vasta experiência adquirida ao longo de anos servindo em diversos cargos na Igreja. Todos os irmãos ajoelharam-se em oração e invocaram o Espírito do Senhor, para que os guiasse e dirigisse em sua mordomia de juízes comuns em Israel.

Mais tarde, o bispo contou que, ao voltar para casa naquele dia, sentiu fortemente a presença do Espírito. Assim como a gente sente o sangue quando volta a circular num pé ou mão "dormente", o influxo do Espírito era fisicamente perceptível, fazendo-o sentir-se confiante e seguro. Agora estava "zelosamente ocupado" na obra do Senhor. (V. D&C 58:27.)

Nos anos seguintes, o bispo gozou da companhia do Espírito Santo em centenas de decisões relacionadas com o bem-estar dos santos de sua ala. Aprendeu também a importante lição de que "os poderes do céu não podem ser controlados nem manipulados *a não ser* pelo princípio da retidão". (D&C 121:36; grifo nosso.)

Esta é a chave para se contar com a influência do Espírito Santo e o poder do sacerdócio de Deus. Por outro lado, "quando tentamos encobrir nossos pecados ou satisfazer nosso orgulho, nossa vã ambição, exercer controle ou coação sobre as almas dos filhos do homens, em qualquer grau de injustiça, eis que os céus se afastam; o Espírito do Senhor se magoa". (D&C 121:37.)

Como conservar a influência do Espírito Santo?

Nas revelações modernas, o Senhor nos fornece uma estratégia ou fórmula para reter o dom do Espírito Santo, a fim de que o Consolador possa estar sempre conosco:

"Que as tuas entranhas também sejam cheias de caridade para com todos os homens e para com a família da fé, e que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente; então tua confiança se tornará forte na presença de Deus; e, como o orvalho dos céus, a doutrina do sacerdócio se destilará sobre tua alma.

"*O Espírito Santo será teu companheiro constante* e o teu cetro um cetro imutável de retidão e verdade; e o teu domínio um domínio eterno e, sem medidas compulsórias, que fluirá a ti para todo o sempre." (D&C 121:45-46; grifo nosso.)

"Esta é a coisa mais extraordinária sobre a ostra: irritações penetram na sua concha. Ela não gosta dessas irritações, mas, quando não consegue livrar-se delas, as usa para fazer a coisa mais linda que uma ostra pode fazer. Se formos incomodados por irritações em nossa vida atual, só existe uma prescrição: façamos uma pérola. Talvez tenha que ser uma pérola de paciência, mas, seja como for, façamos uma pérola. Fé e amor são necessários para tal." Harry Emerson Fosdick.

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Perguntas respondidas à guisa de orientação e auxílio, e não como pronunciamentos oficiais da Igreja.

Quando não devo tomar o sacramento?

Larry Hiller, bispo da nona Ala de Taylorsville, Estaca Taylorsville Utah Central, e editor gerente de A Liahona.

Para uma resposta a esta questão, recapitulemos primeiro algumas verdades muito importantes. O pecado é, de longe, o mais pesado de todos os fardos desta vida. E livrar-se desse fardo seguindo os passos necessários do arrependimento é uma das experiências mais gratas e edificantes que podemos ter. Não fosse pelo Salvador e seu sacrifício expiatório, teríamos de suportar o fardo não só nesta vida como por toda a eternidade. Ficaríamos apartados da presença de Deus e sujeitos ao demônio.

As palavras não conseguem expressar a enorme importância da expiação em nossa vida. O Senhor, porém, deu-nos uma ordenança que nos lembra continuamente a expiação e ajuda-nos a apreciá-la cada vez mais.

A morte e ressurreição de Jesus Cristo significa que todos os que viveram e vivem na terra ressurgirão um dia. A expiação dos pecados, todavia, vale apenas para os que reconhecem Jesus Cristo, se arrependem de suas faltas e são batizados da maneira certa pela autoridade certa. O perdão dos pecados é conseguido por meio da expiação de Cristo e do arrependimento. O batismo é o sinal de que estamos fazendo um convênio com o Senhor.

Geralmente não temos a força necessária para permanecer totalmente sem pecado após o batismo. Assim, temos de fazer uso contínuo dos princípios da fé e arrependimento. O Senhor instituiu o sacramento a fim de termos sempre na mente e no coração o grande sacrifício de Cristo e podermos renovar os convênios feitos no batismo.

Os emblemas do sacramento lembram-nos do corpo ferido e do sangue derramado do Salvador, e na oração sacramental são repetidos os convênios que fizemos por ocasião do batismo, isto é, (1) que tomamos sobre nós o nome de Cristo, (2) sempre nos lembraremos dele e (3) guardaremos seus mandamentos. Em troca, o Senhor promete-nos a companhia contínua do seu espírito.

Assim como devemos arrepender-nos antes do batismo, temos de estar arrependidos antes de tomar o sacramento. O Livro de Mórmon diz: "Tende cuidado para que não sejais batizados indignamente; procurai não participar indignamente do sacramento... (Mórmon 9:29.)

O Senhor quer que nos tornemos perfeitos, e o sacramento é uma parte vital do processo de aperfeiçoamento. Se, durante a semana, procuramos vencer nossos pecados e nos preparar para o sacramento no próximo domingo, conseguiremos gradualmente nos livrar do pecado. Nossa consciência vai-se tornando mais sensível à medida que atendermos melhor aos sussurros do Espírito Santo. Em outras palavras, recordando-nos continuamente do Salvador e procurando guardar seus mandamentos, teremos a companhia do Santo Espírito conforme nos foi prometido.

Então, quando não devemos tomar o sacramento? Desde que o sacramento faz parte do processo de aperfeiçoamento, o Senhor certamente não espera que sejamos perfeitos para tomá-lo. As escrituras, por outro lado, advertem contra participar indignamente, conforme vimos. Falando aos discípulos no continente americano, disse o Salvador: "Não permitireis, sabendo-o, que alguém participe indignamente de minha carne e do sangue, quando os ministrardes.

"Porque todo aquele que comer e beber de minha carne e de meu sangue indignamente, come e bebe condenação para sua alma." (III Néfi 18:28-29.)

Paulo fez advertência semelhante aos coríntios, dando-nos ainda outra pista para saber quando devemos ou não tomar o sacramento: "*Examine-se* pois o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice." (I Cor. 11:28; grifo nosso.)

Do que o Salvador disse aos nefitas, depreendemos que os que administram o sacramento têm por responsabilidade não permitir que pessoas indignas dele participem. Essa responsabilidade cabe ao bispo como autoridade presidente da ala. Uma pessoa que procura o bispo para confessar um pecado poderá ser aconselhada a abster-se do sacramento durante certo tempo — dependendo da seriedade da falta, do grau de arrependimento e outros fatores que só o bispo pode julgar em cada caso. Os membros desassociados ou excomungados por um tribunal da Igreja estão automaticamente impedidos de tomar o sacramento, até que sejam reintegrados ou batizados novamente.

Além disso, pelo que diz Paulo, temos a grande responsabilidade pessoal de examinar nossa própria

dignidade para tomar o sacramento. Obviamente, se tivermos cometido um pecado suficientemente grave para ser confessado ao bispo, não devemos tomá-lo até resolver o assunto. "Por este meio podeis saber se um homem se arrependeu de seus pecados — eis que ele os confessará e os abandonará." (D&C 58:43.) Se depois de examinar-vos tiverdes dúvida se algo deve ou não ser confessado ao bispo, recomendo que leveis o assunto a ele. Ele se importa convosco e guardará estrito sigilo. Ele pode ajudar-vos a colocar o problema na devida perspectiva e saber como conseguir o perdão e estar em paz convosco mesmos.

E quanto aos problemas que não exigem necessariamente a confissão? Neste caso precisamos fazer um exame de consciência. Temos consciência dos pecados e estamos procurando vencê-los? Mostramo-nos realmente arrependidos? Nosso coração está tomado de ódio, raiva ou ressentimento contra alguém, ou nos sentimos em paz? Estamos levando uma vida mais justa agora do que na semana passada? Apreciamos sinceramente o que o Salvador fez por nós? Eis algumas perguntas que poderíamos fazer ao próprio eu, antes de tomarmos o sacramento. Penso que, se realmente nos importamos, encontraremos as respostas em nosso coração.

Quando perguntais "Será que sou digno?", de certa forma estais muito adiante dos que participam do sacramento rotineiramente sem maiores preocupações. E se tendes a coragem de não participar quando vos sentis indignos, destes um passo importante no processo do arrependimento, pois começastes a preocupar-vos mais com o que o Senhor pensa de vós do que vossos semelhantes possam pensar.

O livro de lições do curso de Doutrina do Evangelho de 1968-69 traz este valioso pronunciamento: "Se uma pessoa se *considera indigna,* mas *não se arrepende,* então deve ir à reunião sacramental, mas ter a coragem de abster-se do sacramento. Quem observa que uma pessoa não participa do sacramento não deve ficar especulando sobre as razões. Todos devemos aceitar o fato de que alguém pode deixar passar o sacramento, se achar que não deve tomá-lo. Não devemos deixar de ir à reunião sacramental por considerar-nos indignos de tomar o sacramento, nem tomá-lo por sentir-nos socialmente pressionados." Não se deve comer e beber condenação para sua alma." (V.3 Né. 18:29; grifo nosso.)

A maior de todas as faltas é não reconhecer os próprios erros.
Thomas Carlyle

Nada nos impede de sermos honestos e bons, além de nossos próprios atos.
Jedediah M. Grant

A BÊNÇÃO DEVOLVIDA

Hans - Wilhelm Kelling

Anos atrás, quando servia como presidente da Missão Alemanha Munique, tive uma experiência que fortaleceu minha fé. Estava reunido, como fazia regularmente, com meus dois assistentes, os élderes Bryce Betteridge e Gregory Smith. Procurando dar ênfase a certo ponto, mencionei uma experiência vivida vinte anos antes, durante minha missão em Trenton, Nova Jersey. Ao mencionar a cidade, o Élder Smith comentou, surpreso, que nascera ali e perguntou quando eu estivera em missão lá. Disse que fora em 1954. Sua emoção cresceu - era o ano de seu nascimento. Indaguei a respeito de seus antecedentes familiares, dando-me subitamente conta de que eu exercera um papel importante na vida daquele jovem. Logo me recordei de todos os detalhes.

Quando meu companheiro e eu fomos designados a organizar um ramo em Trenton, não havia muitos membros da Igreja na cidade. O Senhor nos abençoou e conseguimos batizar várias famílias. O ramo começou a florescer.

Um dia, certa Irmã Smith, cujo marido não era ativo na época, veio pedir-nos uma bênção especial. Estava grávida, e os médicos temiam que houvesse problemas com o desenvolvimento da criança e o parto. Seguindo a recomendação do Senhor nas escrituras, a Irmã Smith estava pedindo ajuda com grande fé no Senhor e seu sacerdócio.

Anotei o acontecimento em meu diário missionário e ainda me recor-

do da sensação de paz, quando selei a unção. Influído pelo Espírito Santo, prometi à Irmã Smith que não haveria nenhuma complicação, que a criança nasceria sadia e forte e serviria ao Senhor.

Logo depois fui transferido, porém jamais olvidarei meu reencontro com a Irmã Smith meses mais tarde, durante uma conferência de distrito, quando colocou em meus braços um lindo e forte garotinho. Até hoje ainda sinto o sentimento cálido, a gratidão e humilde orgulho do poder do sacerdócio que agitou minh'alma. Lembro-me de haver escrito em meu diário que, embora não sabendo ainda como é sentir-se pai, devia ser algo parecido com o que eu sentira pelo bebê da irmã Smith naquele dia.

Terminada a missão, perdi contato com sua família. Entretanto, sentado ali na casa da missão, na Alemanha, com os élderes Smith e Betteridge, revivi mentalmente aqueles doces e belos momentos. Seria mesmo o rapaz que eu tivera nos braços vinte anos antes? Perguntei ao Élder Smith se a mãe dele falara a respeito de alguma coisa incomum com relação ao seu nascimento. Sua resposta confirmou minha suposição: ainda assim, solicitei que escrevesse à mãe pedindo maiores detalhes. Duas semanas depois chegou a resposta, dizendo que um missionário alemão, Élder Kelling, a abençoara e conseqüentemente, tivera um parto normal.

É difícil achar palavras para descrever meus sentimentos. O Senhor estava devolvendo a um humilde servo a bênção dada muitos anos antes. "Lança teu pão sobre as águas, porque depois de muitos dias o acharás." (Ecl. 11:1.) Ali, na própria Alemanha, servindo comigo na vinha do Senhor e auxiliando-me em meu sagrado chamado, o Élder Smith vinha usando a serviço do Senhor a vida, saúde, energia e grande fé que lhe foram concedidas.

Minha alma estava tomada de alegria, assombro e gratidão pelos caminhos do Senhor. Ao chamá-lo para ser meu assistente, eu não sabia que nascera em Trenton. Com duzentos missionários sob minha responsabilidade, não conhecia de cor o local de nascimento de cada um. Sei que o Élder Smith foi chamado por inspiração como meu assistente. Ele não foi mandado para a Missão Alemanha Munique por acaso, como não foi por acaso que mencionei Trenton, Nova Jersey, em nossa reunião.

E os resultados disso tudo? Fortaleceu-se o testemunho do Élder Smith e também seu chamado. Meu testemunho do poder do sacerdócio foi uma vez mais confirmado. Senti profundamente a bondade do Pai Celeste para conosco — dando misericordiosa e delicadamente forte incentivo e confiança a um servo para ajudá-lo a cumprir um encargo assaz desafiador.

A única e verdadeira paz neste mundo é a paz de espírito.
Robert L. Simpson

PENSAMENTOS A PONDERAR

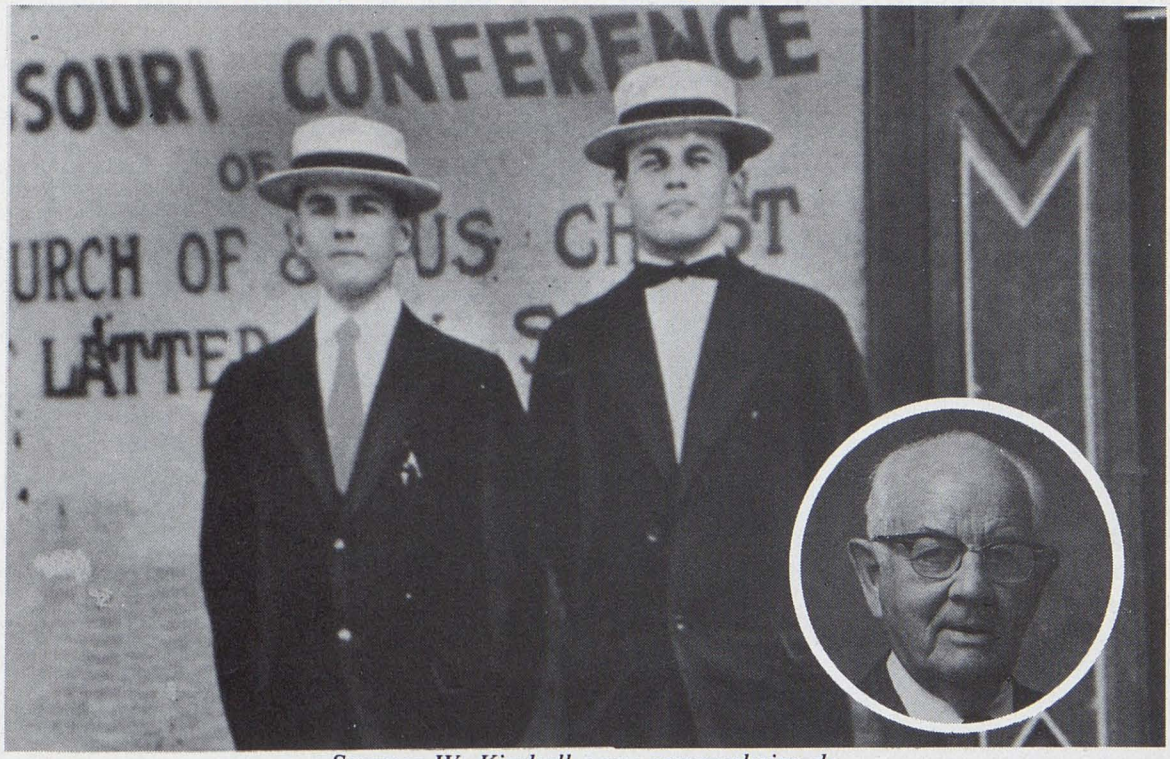
Élder Hugh W. Pinnock do Primeiro Quorum dos Setenta

Existem pensamentos que merecem ser ponderados. E se os ponderarmos, tornarão nosso tempo na terra mais compensador e emocionante.

Que pensamentos são esses? Mencionei três. Primeiro: *Estamonos tornando agora o que seremos.* No seu *Hamlet,* Shakespeare faz Ofélia dizer: "Sabemos o que somos, mas não o que havemos de ser." *(Ato 4, cena 5, linhas 42-43.)* Como no século XVII o evangelho ainda não fora restaurado, até mesmo Shakespeare não sabia o que o homem poderia vir a ser; mas nós sabemos, e este conhecimento dá a nossa vida uma nova dimensão, incompreensível sem o evangelho de Jesus Cristo.

Spencer W. Kimball tornou-se profeta não só a 27 de dezembro de 1973, como em parte quando era jovem, pois já se preparava para o que estava por vir. Nós nos estamos tornando parcialmente exaltados hoje pelo que fazemos, pelo que pensamos e pelo que falamos.

Conheci na Universidade de Utah uma moça, Kathy McKay, maravilhosa instrumentista, que aprendera dos pais que sua condi-



Spencer W. Kimball e seu companheiro de missão, L.M. Hawkes, posam para uma foto em St. Louis, Missouri, em junho de 1915.

ção eterna estava sendo determinada por seus atos diários. Ela era um exemplo para todos os que a conheciam. Um atleta de outro estado passou a interessar-se pelo evangelho de Jesus Cristo apenas a observando e reconhecendo sua pureza. Ela sabia que se estava tornando a pessoa que iria ser.

Outro pensamento que merece ponderação: *Hoje pode ser um dos seus dias-chave.* Vince Lombardi, um dos maiores treinadores de futebol americano que já existiu, treinava seus jogadores a darem tudo o que tinham em todos os jogos, explicando: "Em toda partida, há somente umas cinco ou seis jogadas-chave que decidem o resultado do jogo; todavia, ninguém sabe quando elas acontecem, e por isso precisamos dar tudo o que temos em cada jogada, a fim de impedir o adversário de marcar um tento, ou nós próprios conseguirmos um."

É assim a vida. Nós temos cinco ou seis, ou talvez uns poucos mais dias-chave na vida — o dia em que decidimos dar tudo o que somos e tudo o que temos ao Senhor Jesus Cristo; o dia em que encontramos a pessoa eleita a quem daremos a mão por toda a eternidade; o dia em que dizemos: "Sim, bispo, servirei aonde for mandado." Não são muitos, porém temos de viver todos os dias o melhor que pudermos, a fim de que, quando surgirem, reajamos devidamente e colhamos a recompensa eterna que aguarda todos os que a merecem.

Um terceiro pensamento que pede ponderação: *Se você não reagir apropriadamente a um desafio, talvez ninguém mais o faça.* Lembro-me de uma jovem, em meu curso secundário, que tinha muitos problemas. Era muito pobre. Não podia trajar-se igual aos demais estudantes e sentia-se insegura e temerosa. Um rapaz conhecido seu, porém, nunca deixava de cumprimentá-la quando a encontrava. Num dia de prova de História, ele propôs: - Venha cá, vamos estudar juntos. Assim fizeram, e ela sabia que ele a valorizava como ser humano.

O tempo passou. Um dia ela contou ao rapaz que ele lhe salvara a vida.

- Que conversa é essa de eu lhe salvar a vida? - perguntou ele.

- Você se lembra ainda daquela prova de História?

- Lembro, sim.

- Naquele dia, eu ia-me suicidar. Achava que ninguém se importava comigo, que ninguém me amava. As pessoas ridicularizavam minhas roupas, o que eu falava e minha aparência. Mas você se importou, e por causa disso ainda estou viva.

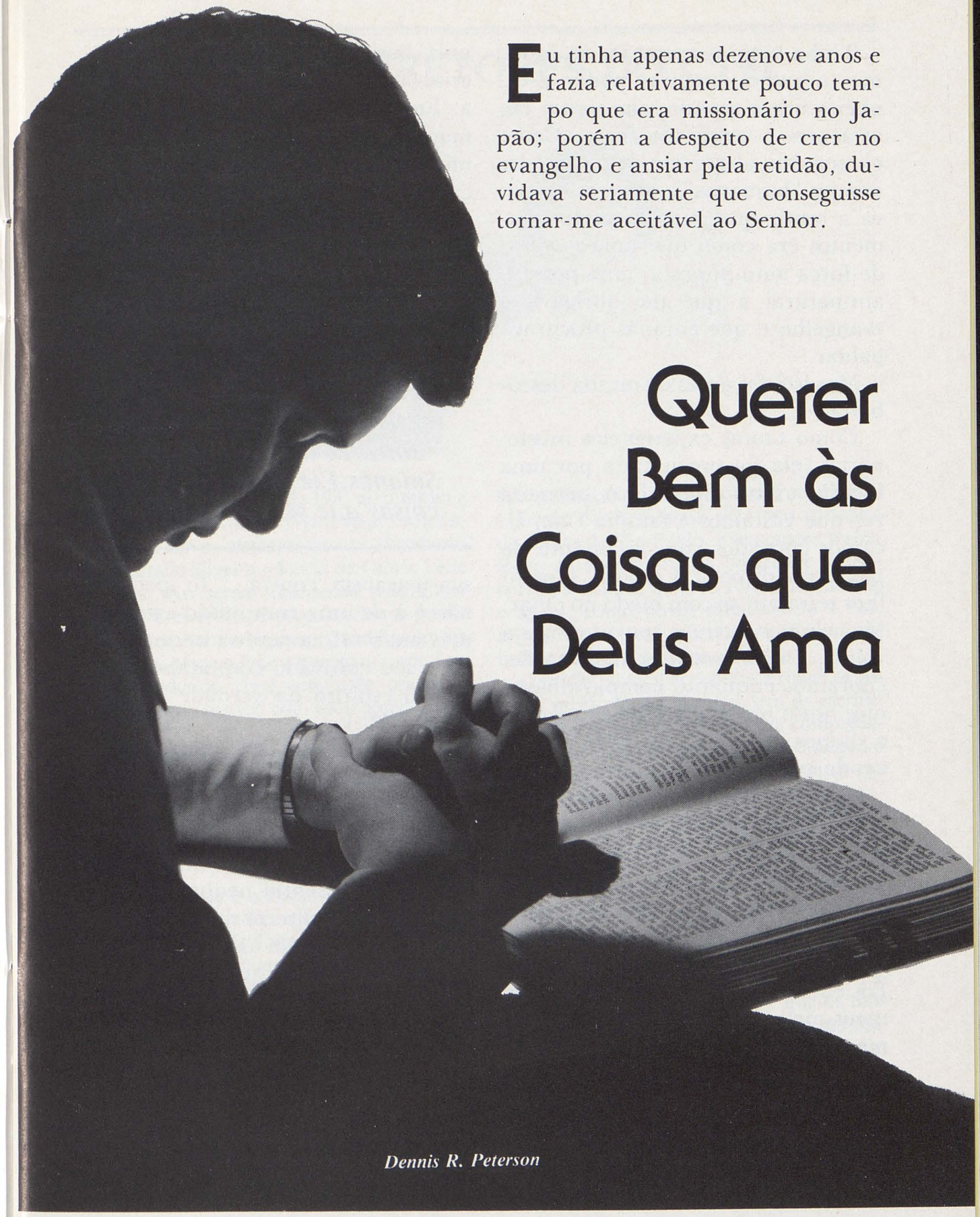
Ela agora é enfermeira, cuidando das necessidades alheias.

Se pensarmos nestas três coisas -o que vamos ser, os dias-chave e importar-se com o próximo — e acreditarmos nelas, acharemos mais fácil dizer o que deve ser dito e fazer o que devemos fazer.

O rio atinge seus objetivos porque aprendeu a contornar obstáculos.
André Luis

Querer Bem às Coisas que Deus Ama

Eu tinha apenas dezenove anos e fazia relativamente pouco tempo que era missionário no Japão; porém a despeito de crer no evangelho e ansiar pela retidão, duvidava seriamente que conseguisse tornar-me aceitável ao Senhor.



Dennis R. Peterson

Tinha visto as tentações ao egoísmo, orgulho, luxúria, poder e dinheiro que o mundo sabe tornar tão atraentes e sentia-me fraco. Como conseguiria abster-me de todos esses desejos "humanos"? Às vezes chegava a sentir que guardar os mandamentos era como que uma camisa-de-força auto-imposta, uma postura antinatural a que me obrigava o evangelho e que Satanás procurava baldar.

Mas isto foi antes de minha descoberta.

Como tantas experiências missionárias, ela foi precipitada por uma família muito especial. A primeira vez que visitamos a família Uno, ficamos chocados com a conduta do pai. Amaldiçoava a esposa, e os filhos retraíam-se com medo no olhar. Mas ele nos ouviu e convidou-nos a voltar. Cinco semanas mais tarde, choramos enquanto compartilhávamos nosso testemunho do evangelho e víamos o Irmão Uno rindo e brincando com seus lindos garotinhos.

Quando partimos naquela noite, senti uma alegria tão grande que jamais conhecera, ao pensar naquela adorável família unida na eternidade. E também um profundo terror ao ocorrer-me que eu poderia não estar lá para regozijar-me com eles. Foi então que me dei conta de que meus melhores esforços para abster-me de pecar talvez não bastassem. Naquela noite, ajoelhei-me e implorei ao Senhor do fundo do coração que me mostrasse como ser justo.

Repeti a mesma prece semana após semana, durante a missão e depois, buscando uma resposta nas escrituras. Então, certa manhã, achei-a. Em *Jesus, o Cristo,* o Élder Talmage nos explica que o Salvador "tinha a capacidade, a condição de pecar, se desejasse fazê-lo... contudo, sua garantia contra... (o pecado) não é a de uma compulsão exterior, mas sim o refreamento interior devido a seu cultivado companheirismo com o espiríto da verdade". (Cap. 10, p. 130.)

Finalmente entendi que a suprema defesa de Cristo não era sua grande força de vontade mas simplesmente que, nutrido pelo Espírito, não sentia nenhum* desejo *pelas sinistras alternativas de Satanás. Ele queria bem às coisas que seu Pai amava.

Foi um momento de genuína revelação para mim. Finalmente entendi que a suprema defesa de Cristo não era sua grande força de vontade, mas simplesmente que, nutrido pelo Espírito, não sentia nenhum *desejo* pelas sinistras alternativas de Satanás. Ele queria bem às coisas que seu Pai amava. Assim, quando seus desejos se traduziam em ações, estas refletiam retidão espontânea proveniente do íntimo de seu ser.

Ali estava a chave: Querer bem às coisas que Deus ama, tornar meus os desejos dele e assim ser realmente como ele é. Meu problema era estar procurando agir com justiça, en-

quanto desejava coisas injustas. Alterando os desejos de meu coração, minhas ações tornar-se-iam espontaneamente justas.

Senti uma esperança que não conhecia. Voltei às escrituras, procurando ansiosamente o que Deus ama. Mórmon o expressou em palavras para mim. O que eu almejava era a caridade, "o puro amor de Cristo", o qual poderia conseguir, se eu rogasse "ao Pai *com toda a energia de meu coração,* para que pudesse ser cheio com esse amor que ele tem concedido a todos os que são verdadeiros seguidores de seu Filho, Jesus Cristo". E Mórmon ainda incluía a promessa de que tanto necessitava: "... a fim de que vos torneis filhos de Deus... e possamos ser purificados como ele é puro" — (Morôni 7:47-48; grifo nosso.)

Subitamente senti os mandamentos e preceitos transformados pelo poder — o poder de modificar não só as aparências, como os sentimentos, afetos e desejos.

Escolhi a primeira meta com cautela. Não era coisa grande, mas um problema persistente. Eu não gostava de ir à Igreja. Assim, passei a orar de manhã e à noite: "Senhor, abençoa-me para que eu goste das reuniões devocionais exatamente como tu gostas. Ajuda-me a delas participar como tu o farias." Coisas incríveis começaram a acontecer. O domingo tornou-se um dia luminoso; sentia-me impelido a cumprimentar os demais membros da Igreja, a compartilhar meu testemunho com eles, a aprender com os professores, expressar cantando os sentimentos para os quais não tinha palavras e a participar dos emblemas do sacrifício do Salvador com humildade e gratidão. O domingo transformou-se no dia do Senhor. Ir à Igreja não mais significava que eu tinha de reprimir meu desejo de descansar, ler, estudar, esquiar ou divertir-me. Agora era uma expressão de desejos justos, amorosos.

Esta simples experiência fez outra escritura adquirir novo sentido. As doutrinas do sacerdócio começaram de fato a destilar-se sobre minha alma; sentindo a companhia do Espírito Santo, guardando espontaneamente o dia do Senhor, "sem medidas compulsórias", suas bênçãos fluíram para mim. (Ver D&C 121:45-46.) Ao progredir essa assombrosa experiência, minha fé cresceu e passei a ter uma real esperança de que, de agora em diante, meus desafios se transformariam em mudanças.

Outro desafio era um colega de trabalho. Eu não o tinha em alta conta e ele, obviamente, me desdenhava. Com gradual deterioração de nossas relações, ele começou a tentar sabotar deliberadamente meu trabalho, instigando-me a provocar discussões. Reagi na melhor tradição do homem natural e logo estava armada a luta. Nos momentos de mais calma, dava-me conta de que me estava destruindo e que o Espírito se afastava de mim por causa dessa contenda.

Mais uma vez recorri ao Senhor e orei, dia e noite: "Pai, tenho um

problema enorme com esse homem. Abençoa-me para que eu sinta a respeito dele o mesmo que tu." Em pouco tempo comecei a ver nele uma pessoa inteiramente diferente, -um ser sensível e muito suscetível, que se achava só, vulnerável e amedrontado diante de situações novas. E comecei a enxergar também seus pontos fortes que o haviam conduzido à posição em que se encontrava. Mas, sobretudo, gradualmente comecei a respeita-lo e até mesmo a admirá-lo. Ali estava um filho de Deus, amado e querido por ele. E quem poderia resistir a querer-lhe bem? Eu não. Mas aconteceu. *O amor simplesmente surgiu.* Mais outro cantinho de meu coração fora mudado e se cumprira a promessa do Senhor.

Sei, por experiência, que se pode levar semanas implorando ao Senhor pelo menos duas vezes ao dia para que essas mudanças ocorram. Mas elas *ocorrem* e, se prosseguirmos "para a frente com firmeza em Cristo, tendo uma esperança resplandecente e amor a Deus e a todos os homens", não precisaremos perder aqueles sentimentos de alegria e paz. (II Néfi 31:20.)

Quantos milagres não aconteceriam, se tivéssemos o mesmo deleite em amar o próximo como tem o Pai Celeste, ou respeitássemos nossos filhos como ele respeita os dele e os disciplinássemos com a mesma sabedoria? Se quiséssemos bem às coisas que Deus ama, como nos sentiríamos a respeito de dinheiro, oração, honestidade, trabalho ou nossos chamados na Igreja?

Poucos dentre nós sentiremos a dramática "grande mudança" experimentada pelos ouvintes do Rei Benjamim, para, num instante, não mais termos, "vontade de praticar o mal, mas de fazer o bem continuamente". (Mosiah 5:2.) Em quase todos nós a mudança se processa lentamente, linha sobre linha, preceito sobre preceito, graça sobre graça, até que se possa dizer a nosso respeito: "É sofredor, é benigno, não é invejoso, não se ensoberbece; não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta." (I Cor. 13:4-7.)

Podemos especular que os que herdarão o trono celestial e a vida eterna são aqueles cujo amor ao bem, à verdade e à pureza é tão grande e espontâneo, que optariam por ele dia após dia, mesmo se não houvesse vida após esta vida. Na verdade, para pessoas assim, voltar ao lar celeste é tão natural como despertar para mais outro dia neste lado da eternidade.

Só tem o direito de criticar quem tem a coragem de ajudar.

Lincoln

Não é vergonhoso mudar de idéia, vergonhoso é não ter idéia para mudar.

Anônimo

A BATALHA VENCIDA

Constance Polve

Ao subir o caminho poeirento, cheio de mato, até o casebre praticamente em ruínas, senti-me sucumbir diante daquela miséria sem esperança. O telhado estava meio desabado num lado. As vidraças quebradas achavam-se mal vedadas com papel de jornal. Cacos de vidro, latas enferrujadas e toda sorte de lixo cobria o quintal. Nas janelas viam-se uns restos de cortinas rendadas e no interior consegui

vislumbrar só paredes e assoalho imundos. Uns quinze ou vinte gatos saíram em disparada, quando me aproximei. Ao bater na porta descascada, tive uma lembrança fugidia da vida confortável a que me acostumara na Universidade de Brigham Young, ansiando momentaneamente pela segurança daquele "campus". Mas agora estava aqui, a muitos quilômetros de Provo, uma simples estudante de enfermagem, não muito segura de estar preparada para o serviço que a esperava.

Tudo tivera ínicio umas poucas semanas antes, durante a aula de saúde pública. Todas as alunas deviam adquirir certa experiência prática como parte do curso. Eu planejara trabalhar na Cidade de Lago Salgado, mas naquele dia o instrutor nos explicou que estavam precisando de estudantes de enfermagem para trabalhar no posto de saúde de uma pequena cidade. Senti-me impelida a me oferecer como voluntária. Tentei reprimir aquele impulso, mas não consegui, e pouco tempo depois estava a caminho de meu novo lar e novas responsabilidades.

No dia após minha chegada, apresentei-me às duas enfermeiras diplomadas do posto de saúde pública, as únicas duas enfermeiras existentes em todo o condado. Dizer que estavam atarefadas seria pouco. Meus olhos caíram sobre as centenas de fichas representando casos que necessitavam de algum atendimento médico. Com o coração na garganta, dei-me conta de que ali não haveria tempo para observação e aprendizado minucioso. Era simplesmente pôr mãos à obra e esperar o melhor.

Minha supervisora encarregou-me de três casos e depois, olhando-me um tanto pensativamente, observou, tendo na mão um grosso envelope amarelado:

— Tenho mais um caso para você, mas estou com um pouco de medo. Esta senhora de idade tem um grave problema médico, mas recusa qualquer ajuda. Isto já dura uns dois anos e estou cansada de tentar ajudá-la. Se você quiser tentar, prometendo não ficar desapontada de falhar, eu lhe darei este caso.

Senti forte simpatia por aquela anciã desconhecida e soube que tinha de tentar.

Examinando suas fichas, vi que não estava longe dos oitenta anos e ferira a perna direita há anos num acidente de trânsito. Embora não houvesse fraturas, a musculatura e os vasos sangüíneos principais foram danificados. Apesar do tratamento médico, a circulação na parte inferior da perna continuou precária. Periodicamente formavam-se úlceras provenientes da estagnação do sangue.

Essa situação continuou até ela resolver-se a consultar um médico. Apesar de bom facultativo, era bastante insensível e grosseiro. Com

muito medo, ela não terminou o tratamento e resolveu nunca mais consultar um médico. Em conseqüência disso, a perna ficara infeccionada e inútil, causando-lhe muito sofrimento. Ela sangrava e supurava e em certos pontos a carne mostrava-se putrefata.

A anciã não saía de casa; seu único contato com o resto do mundo era uma garota da vizinhança que era paga para lhe fazer compras. Outras pessoas quiseram ajudar, mas a velha não queria ver ninguém.

Ainda assim, quando fui vê-la naquele primeiro dia, eu não estava preparada para aquele mulambo humano de longos cabelos grisalhos e desgrenhados que atendeu à porta manquitolando. Ela mal me deu tempo de explicar quem eu era antes de me mandar embora, declarando querer que a deixassem em paz. Mas eu sabia que era impossível. Enquanto ela me atendia, eu percebera um odor que havia sentido apenas uma única vez antes, mas jamais conseguira esquecer. A perna estava começando a gangrenar!

A supervisora confirmou meu diagnóstico e quis que eu largasse o caso. Argumentou que a anciã provavelmente teria apenas umas poucas semanas de vida e que, se morresse enquanto estivesse sendo atendida por uma estudante de enfermagem, o procurador do condado poderia querer interrogar-me, questionando minha competência profissional. Quis ela própria assumir a responsabilidade. Eu não sei bem porque, mas não pude aceitar a idéia de ver a vida daquela anciã terminar de maneira tão dolorosa e solitária. Implorei à supervisora mais uma semana, e ela acabou concordando.

No segundo dia, a velha me deixou entrar e conversamos sobre uma porção de coisas, menos o seu problema. Voltei para casa chorando. Estava convicta de que jamais conseguiria convencê-la a procurar auxílio médico.

No terceiro dia, voltei a visitá-la e expliquei-lhe claramente que ia morrer, se não recebesse tratamento. Ela não ligou, certa de que não tinha motivos para querer viver.

Voltei para meu apartamento profundamente desanimada. O que fazer, se ela se recusava a ser socorrida? Só me restava orar. Eu já orara por ela antes, mas naquele dia minha colega de quarto ajoelhou-se ao meu lado com sincera preocupação, e juntas oramos fervorosamente ao Senhor, pedindo sabedoria e orientação.

Os dias seguintes se passaram sem nada digno de menção. Eu procurava ter fé e orava continuamente. No quinto dia obtive a resposta. Subitamente, eu sabia o que fazer. Nada de vozes, nem visões, nem sugestões interiores ou exteriores. Eu simplesmente sabia o que fazer.

Fiz meus planos e fui correndo para a casa da anciã. Seus olhos se

iluminaram, quando lhe mostrei a água oxigenada espumante que levara. Ficou muito impressionada e perguntou se usariam mesmo medicamentos e tratamento indolores como aquele no hospital. Assegurei-lhe que teriam todo o cuidado para incomodá-la o menos possível. Depois, dei uma chegada ao hospital para informá-los a respeito da velha senhora que tinha tanto medo de médicos e que provavelmente logo apareceria.

No dia seguinte tive de voltar para passar o fim de semana em Provo. Eu não queria deixá-la, mas a coisa foi facilitada por uma vizinha interessada e bondosa, a mãe da garota que costumava fazer compras para a anciã. Entusiasmada com a mudança havida na enferma, prometeu fazer tudo ao seu alcance para ajudar.

Quando voltei, soube que minha amiga idosa tivera coragem de internar-se. O posto de saúde inteiro celebrou o acontecimento. Fui correndo visitar a anciã no hospital. Seu rosto limpo e alegre recebeu-me com um cálido sorriso.

— Vim para o hospital. Você me convenceu, — explicou. Depois quis saber a que igreja eu pertencia. Quando disse que era mórmon, ela replicou:

— Eu sabia. Eu soube que você me fora enviada desde o primeiro dia. Seu rosto tinha uma luminosidade que eu já notara em outros de sua fé. Eu confiava em você.

Imaginem só minha alegria! Deus realizara numa semana o que outros vinham tentando conseguir havia dois anos. Nunca antes me senti tão aliviada. Em três meses a perna dela ficou completamente curada. A ala SUD da cidade reformou-lhe a casinha e arrumou o quintal como um projeto de serviço. Os missionários foram visitá-la e pouco tempo depois ela se batizou.

Ela agora freqüenta as reuniões da Igreja regularmente, inclusive a Sociedade de Socorro e criou novo amor à vida. Sou muito grata por haver conhecido e amado essa filha do Pai Celestial. Minha experiência com ela ensinou-me que com fé e empenho se conseguem grandes recompensas espirituais. E depois, nunca mais se é a mesma pessoa.

PREZADO ASSINANTE:

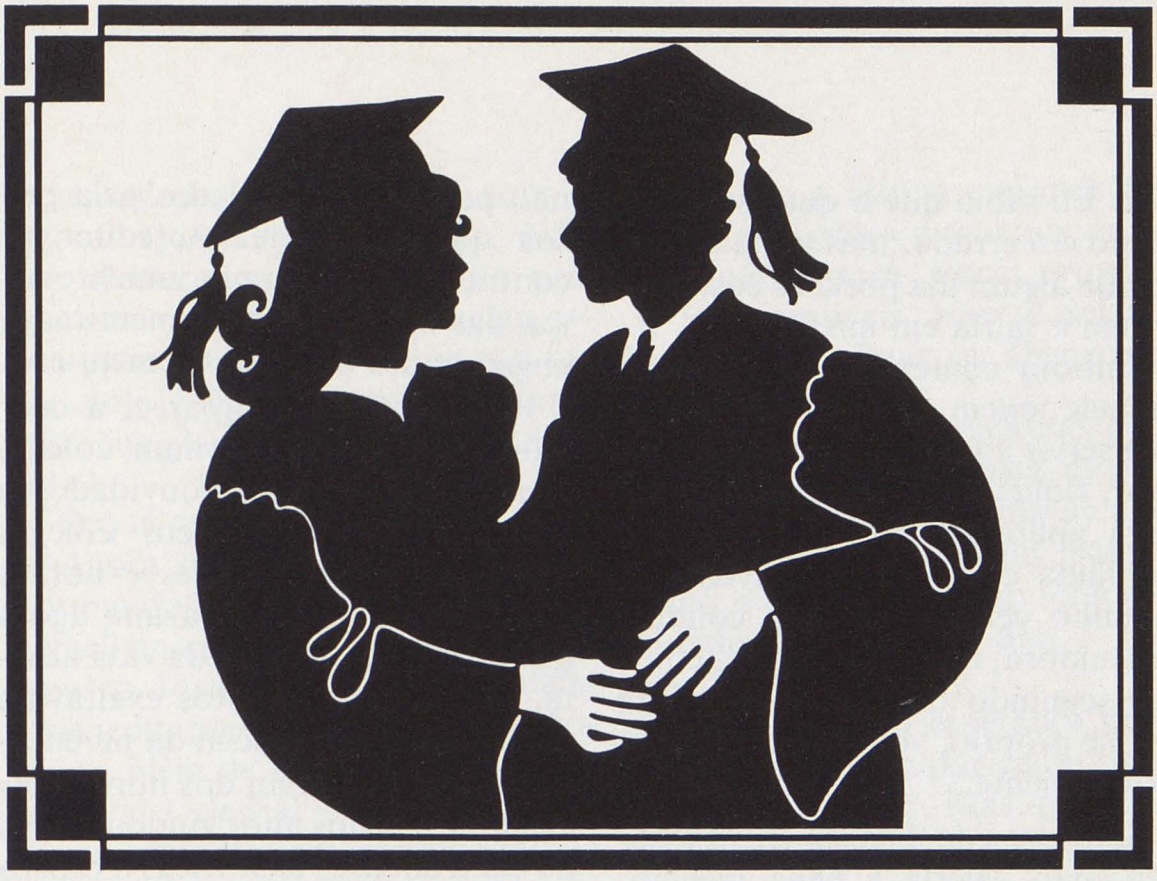
Mudou-se ou vai mudar-se?

AVISE-NOS IMEDIATAMENTE A FIM DE NÃO FICAR SEM SUA REVISTA.

Basta recortar a etiqueta de endereçamento que acompanha seu exemplar de A Liahona e enviá-la ao endereço abaixo, com a anotação de seu novo endereço.

Mande a informação para Caixa Postal 26023 - 01000

São Paulo S.P.



Vocês Estão Prontos Para o Exame Final?

Élder Dean L. Larsen
do Primeiro Quorum dos Setenta

Não faz muito tempo, entrevistei um jovem que desejava sair em missão, mas cometera transgressões muito sérias durante a adolescência. Pertencia a uma família SUD ativa e ele próprio participara ativamente da Igreja, mesmo durante a época das transgressões. Finalmente procurou o bispo e confessou seus erros. Agora faz mais de ano que abandonara sua vida anterior e estava ansioso de sair em missão.

Durante nossa conversa sobre sua situação e as decisões tomadas em tempos passados que o levaram àquela condição questionável na Igreja, ele comentou:

— Eu sabia que o que estava fazendo era errado, mas tinha certeza de que algum dia poria as coisas em ordem e sairia em missão.

Embora contente com o desejo daquele jovem de consertar sua vida e servir como missionário do Senhor, fiquei preocupado com a maneira aparentemente premeditada, calculada com que se desviara do caminho certo para uma conduta destruidora, imoral, e depois, como que seguindo um calendário feito por ele próprio, voltara à decisão de ser obediente.

Houvesse sido uma experiência isolada, não valeria a pena mencioná-la. Infelizmente não é. Parece existir uma crescente tendência e tentação entre a juventude de provar as coisas proibidas do mundo, não com intenção de adotá-las permanentemente, mas decididos conscientemente a uma concessão momentânea como se fossem bastante importantes ou excitantes para tal. Esta é uma das grandes provas de nosso tempo.

Enquanto muitos se recuperam dessas incursões em território proibido, está ocorrendo um número crescente de tragédias que arruínam e desesperam muitas vidas e têm consequências duradouras. Não existe um pecado particular. Embora sua consecução possa ser calculada e predeterminada, seus efeitos não podem ser regulados pela pessoa que o comete. Acreditar no contrário é crer simploriamente numa das mais insidiosas mentiras já engendradas pelo pai da mentira.

Recentemente compareci à cerimônia de formatura num colégio local. Os estudantes convidados a falar em nome de seus colegas referiram-se aos grandes e nobres desafios que os aguardavam, agora que cruzavam o limiar da vida adulta. Os oradores adultos exaltavam as virtudes e o potencial da juventude de hoje e falaram dos horizontes a conquistar nos anos vindouros, as novas fronteiras científicas à espera dos formandos, os terríveis males para os quais encontrariam cura e os progressos na diplomacia e relações humanas que trariam uma paz duradoura à terra. Foi uma cerimônia bonita e inspiradora.

Enquanto ouvia aquelas mensagens tocantes, fiquei a imaginar o que eu gostaria de dizer àquele grupo de jovens. Sabia que grande parte eram membros da Igreja. Sabia que provinham de famílias que se orgulhavam de seus feitos. Sabia também das experiências que alguns deles haviam planejado para as horas e dias logo após a formatura. E tive vontade de dirigir-me àqueles formandos e falar-lhes não a respeito dos gloriosos e obscuros anos de um futuro distante em que se esperava fizessem tanto bem à

humanidade, mas sobre o aqui e agora. Queria dizer-lhes: — Não me preocupa o que farão no ano que vem ou na próxima geração; estou preocupado com o que vão fazer hoje à noite e amanhã. Quais são seus planos? Aonde pretendem ir?

O que querem fazer?

Agora sei que naquele grupo de formandos assim como em outros semelhantes, havia alguns que, após a formatura, com calculada premeditação, desonraram a si próprios, além de sua família, a Igreja e o Pai Celestial. Não pretendiam fazer o que fizeram como hábito de vida. Foi apenas uma escapada divertida, uma emoção instântanea, uma temeridade. Porém, seu efeito cumulativo é devastador. As conseqüências se farão sentir na vida deles e na vida daqueles que os amam e neles confiaram de maneira imprevista e trágica por tempo indefinido. A humanidade terá descido inexoravelmente a um nível inferior. Alguns jamais se recuperarão completamente, e o mundo inteiro sentirá inevitavelmente o dano.

Sinto a mais profunda estima e gratidão por aqueles que, fazendo jus à confiança neles depositada, resistiram às injunções de nosso tempo. Vocês são nossa grande esperança. Tenho uma grande dívida para com vocês. Vocês farão a diferença no resultado final das coisas. Vocês são a última e grande força de defesa contra o mal que está engolfando a terra. Vocês provaram-se incorruptíveis. Não se deixaram contaminar. Deus os abençoe por isto!

Tremo ao ler as palavras do Senhor ao seu povo desta dispensação: "Pois este é um dia de advertência e não de muitas palavras. Pois, eu, o Senhor, não serei escarnecido nos últimos dias." (D&C 63:58.)

Antevejo com esperança os dias que nos esperam por causa da promessa do Senhor. Mas, quando vejo as concessões que se fazem, sinto-me amedrontado por suas advertências.

Jovens, sejamos fiéis àquilo que o Senhor nos confiou. Paguemos o preço e façamos jus ao que se espera de nós. Sei que fará diferença.

Aqueles que cedem à adversidade, tornam-se mais fracos. Para os valentes, ela é uma passo a mais para o aumento de nossa capacidade. Não se entregam nem entram em pânico, mas procuram colocar-se em condição de enfrentar e sobrepujar seus problemas.

Anônimo

O DÍZIMO FUNCIONA

Keith Moore

Anos atrás, eu estava convencido de que não conseguiria pagar o dízimo e ainda todas as minhas contas. Cheguei mesmo a imaginar que, sendo tão pobre, possivelmente estaria isento aos olhos de Deus. Pensando assim, só podia ficar mais pobre ainda.

Eu cria no evangelho e trabalhava na ala, mas quando não pagava o dízimo, alguma coisa ia mal. Por fim, levei pessoalmente cinco dólares à casa do bispo para não gastar um selo. Não chegava nem a um por cento, mas era um começo. No mês seguinte, entreguei-lhe dez dólares. Nos meses seguintes, passei a pagar cinco por cento de dízimo em lugar dos dez.

Então analisei minha situação financeira. Pagando aquela ninharia, eu estava conseguindo equilibrar minha conta bancária, quando antes sacava sempre a mais e tinha de pagar juros.

Quando elevei meu dízimo a dez por cento e o conservei assim por vários meses, passei a terminar o mês com um saldo razoável no banco, apesar de continuar ganhando exatamente o mesmo. Também minhas despesas não haviam diminuído. Na verdade, tinham aumentado um pouco, assim como minha capacidade de dar-me a uns poucos luxos. Ainda assim, tinha um bom saldo no banco, algo que não acontecia havia anos.

Eu ouvira falar de pessoas que pagaram o dízimo e no dia seguinte lhes acontecera um milagre econômico. Não estou ridicularizando isso. Todavia, por três vezes paguei o dízimo, e no dia seguinte recebi uma conta enorme que havia esquecido ou da qual nunca soubera. Momentaneamente desencorajado, senti-me tentado a "culpar" o dízimo. Cheguei mesmo a receber tantas contas inesperadas, que desejei ter o dízimo de volta. Porém, depois de pagar as contas, percebi que ainda me restava dinheiro, até uma pequena verba para alguns luxos. Obviamente, a lei espiritual do dízimo estava funcionando.

Tenho um conselho que dou graciosa e liberalmente àqueles que se julgam necessitados e cheios de problemas financeiros: levem algum "dízimo" ao bispo ou secretário da ala. Então, no próximo mês, levem um pouco mais. Paguem o dízimo completo; estou certo de que seus problemas começarão a resolver-se. É assim que funciona. Certas coisas talvez os façam querer regredir ou duvidar; mesmo assim, continuem firmes. Afastem o desânimo. Em poucos meses, vocês provavelmente terão resolvido suas dificuldades financeiras. E logo estarão em condições de pagar tranqüilamente o dízimo e gozar paz de espírito.

Ser Missionário

Élder LeGrand Richards
do Conselho dos Doze

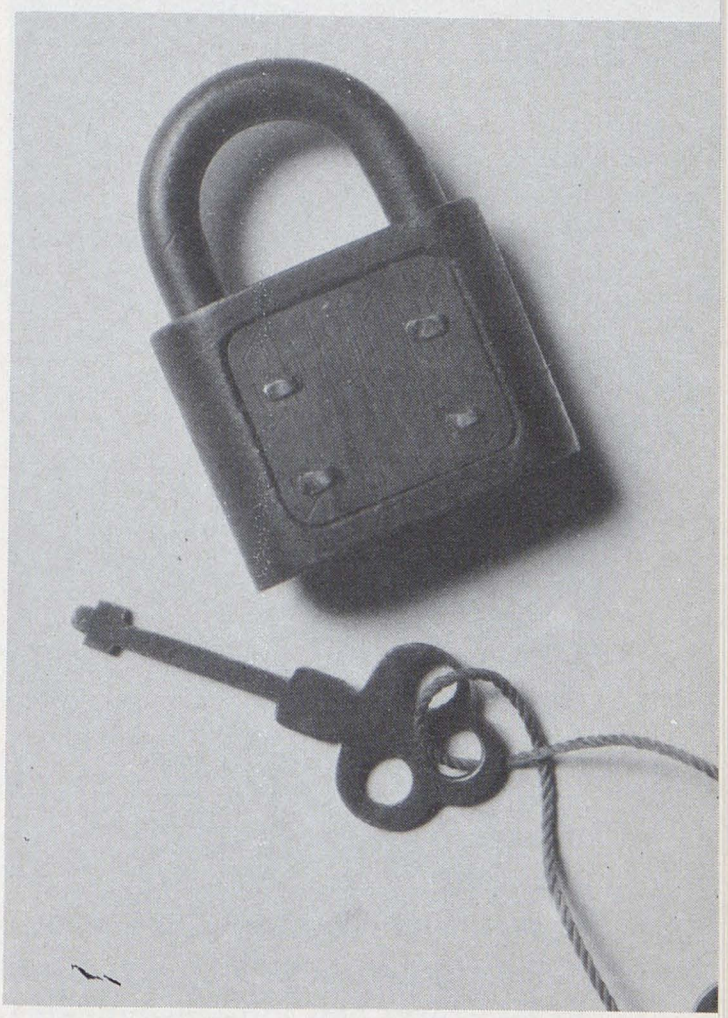
Todos nós afetamos a vida de nossos amigos e podemos ser missionários, basta querer. Jamais deve haver não-membros vivendo ao redor de nós que não tenham sido convidados a juntar-se à Igreja. Muitos vivem na casa ao lado da nossa sem nunca terem recebido tal convite.

Anos atrás, estive em Omaha, Nebraska, a serviço da Igreja, para a cerimônia de abertura da terra do *Mormon Memorial Bridge,* em Winter Quarters. Lá conheci um irmão que era presidente de distrito e que residira na Cidade de Lago Salgado, Utah, durante dezessete anos antes de ser transferido para Omaha. Ele não se filiou à Igreja na Cidade de Lago Salgado, mas em Omaha. Perguntei-lhe o motivo, ao que respondeu:

"Ninguém me convidou."

Viajando de carro com um presidente de estaca para Farmington, Novo México, fiz a mesma pergunta ao presidente de missão que nos acompanhava e que no passado vivera em Ogden, Utah, durante doze anos. Ele explicou que ninguém o havia convidado.

Posteriormente, contei esses casos em Wyoming. O presidente da estaca comentou que lhe recordavam o tempo em que era bispo, quando um dos cidadãos do lugar telefonou, perguntando: "Bispo, o senhor acha que sou bom bastante para ser membro de sua igreja?"



A seguir, explicou: "Foi então que me dei conta de que nunca o havíamos convidado a filiar-se à Igreja. Combinamos seu batismo para a noite de sexta-feira. A seguir, telefonei para uma senhora conhecida e comuniquei-lhe que tal e tal pessoa ia batizar-se e perguntei se ela gostaria de fazer o mesmo. Ela respondeu: 'Estava imaginando quanto tempo teria de viver em sua comunidade, antes de convidar-me para entrar em sua igreja.'

Pois bem, vós não precisais ter noventa, nem dezenove anos para serdes capazes de abrir a porta. Podereis convidar alguns amigos para atividades da ala ou do seminário e depois apresentá-los aos missionários ou providenciar que os missionários lhes façam uma visita. Nada neste mundo lhes dará maior alegria e felicidade do que serem instrumentos nas mãos do Senhor para trazer alguém para a Igreja.

O Senhor disse: "E, se acontecer que, se trabalhardes todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será vossa alegria com ela no reino de meu Pai!" (D&C 18:15.)

Estando nos estados sulinos, tive uma experiência que me ajudou a compreender o que, em minha opinião, o Senhor quis dizer. Recebi lá uma carta de um irmão de Phoenix, Arizona, que já tinha certa idade,

Nada neste mundo lhes dará maior alegria e felicidade do que serem a chave usada pelo Senhor para abrir a porta para seu próximo receber o evangelho.

contando que seu avô fora um dos primeiros conversos no Mississipi, por volta de 1840. Dizia ainda: "Desde aí, meu pai e seus descendentes deram mais de cem anos de serviço missionário à Igreja. "Havia então quinze deles no campo missionário, três dos quais estavam conosco.

Contei esse caso numa reunião missionária depois de haver sido bispo presidente em 1940 — exatamente cem anos depois de o avô ter-se filiado à Igreja. Aconteceu que, sem eu saber, um neto dele estava presente. Ele me procurou depois e disse: "Irmão Richards, agora são cento e sessenta e cinco anos de serviço." Quando se vai somando de dez a quinze anos de cada vez, não leva muito tempo para acrescentar mais cem.

Eis o que eu pensei: Se aquele missionário que atravessou os charcos do Mississipi lá pelos idos de 1840, quando viajavam sem bolsa nem alforje e muitos contraíam malária, houvesse trazido aquele único homem para a Igreja, poderia achar que não fez grande coisa. Ele e seus descendentes, porém, prestaram cento e sessenta e cinco anos de serviço missionário em cem anos, sem contar todos os conversos que fizeram. Onde encontrar melhor maneira de ajuntar "tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam" do que prestar um serviço assim? (Mat. 6:20.)

Não importa se estão no serviço militar, fazendo missão ou entre amigos, todos os dias surgem oportunidades de falar ou fazer alguma coisa, de abrir o caminho — de convidar pessoas para ouvirem esta maravilhosa verdade. Costumo dizer que não existe neste mundo um único homem ou mulher honestos que amem ao Senhor, e que não se filiariam à Igreja, se a conhecessem. Para mim é realmente, como disse Isaías, "uma obra maravilhosa e um assombro, porque a sabedoria dos seus sábios perecerá, e o entendimento dos seus prudentes se

esconderá. (Isaías 29:14.) Basta conseguir que dêem atenção o tempo suficiente, a fim de lhes mostrarmos o que ela é, para que se unam à Igreja.

Gosto de comparar a Igreja a um quebra-cabeças. Depois de esparramar todas as peças sobre a mesa, vai-se pegando uma a uma. Mesmo examinando todas as peças, ainda continuamos sem saber do que se trata. Mas depois de todas devidamente encaixadas, formam um lindo quadro. Não se pode tirar uma peça sem destruir tudo.

Vendo um pouco do mormonismo ali e outro pouco acolá, não dá para saber do que se trata; mas contemplando o todo, é impossível tirar qualquer coisa.

Anos atrás, fui encarregado pelo Presidente David O. McKay de falar a um grupo de ministros religiosos. Duas igrejas realizavam uma convenção na Cidade de Lago Salgado, com líderes seus da Califórnia, Oregon, Washington, Idaho, Utah e Nevada. A pedido deles, falei durante duas horas e meia, explicando o mormonismo. Antes de concluir minhas palavras, disse: "Quando eu era bispo presidente da Igreja, o Bispado Presidente era responsável pelo programa de construção da Igreja. Depois de pronto o projeto do Templo de Los Angeles, certo dia apresentamo-lo à Primeira Presidência. Embora ainda faltassem os projetos das instalações elétrica e de água, já eram 84 páginas de cento e vinte por setenta e cinco centímetros, literalmente cobertos com milhares de desenhos, plantas e cifras. Alí estava o templo construído espiritualmente, embora sem uma estaca sequer fincada na terra. Tudo o de que o construtor precisava era saber como ler e executar aquelas plantas, mas não podia deixar de lado nenhuma folha para completar o edifício.

"É impossível pegar aquele projeto e tentar adequá-lo a qualquer edifício do mundo inteiro. Ele só combina com um único edifício - o templo mórmon em Los Angeles. Obviamente, existem prédios feitos dos mesmos materiais existentes no templo, tal como a rede elétrica, encanamentos, cimento e madeira, mas não existe outro que seja igual."

Então levantei a Bíblia, dizendo: "Eis o projeto do Senhor. Isaías diz que o Senhor declarou o fim desde o princípio. (Ver Isaías 46:10). Está tudo aqui, basta saber 'ler' e entender."

"Podeis pegar este projeto, esta planta do Senhor e tentar compará-lo com qualquer igreja do mundo. Existe apenas uma única que combina com ele - A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Naturalmente podeis encontrar igrejas que tenham certas coisas existentes na planta, no projeto

do Senhor, mas não outra que contenha tudo o que está aqui."

Então continuei ilustrando com uma porção de passagens. Vou mencionar apenas uma - João 10:6, onde o Salvador diz: "Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor."

Disse àqueles ministros: "Algum de vós sabe por que isto está na Bíblia? Algum de vós conhece alguma igreja no mundo que sabe por que isto está na Bíblia?" A seguir, fiz a ligação com o que lhes havia contado a respeito da promessa de José de uma nova terra nos confins das montanhas eternas. (Ver Gênesis 49:26.)

"Ao descrever essa terra, Moisés usa o termo *excelente* cinco vezes (Ver Deut. 33:13-17)", continuei. "Algum de vós sabe onde fica essa terra?" Então repeti o que já lhes dissera, que essa terra é a América. Falei dos dois registros que deviam ser mantidos. (Ver Ezequiel 37:15-20.) "Algum de vós sabe alguma coisa sobre o registro de José? Ou por que é mencionado na Bíblia?" Então expliquei que, quando o Salvador visitou os nefitas aqui nas Américas, disse-lhes que eram as outras ovelhas a que se referira, e que nunca o Senhor o mandara falar dessas outras ovelhas aos seus discípulos — apenas que tinha outras ovelhas que não eram do mesmo aprisco. (Ver III Néfi 15:11-24.)

Nós temos a verdade completa, basta compreendê-la, e é por isso que os profetas a chamam "uma obra maravilhosa e um assombro". (Isaías 29:14.) Não creio existir nenhuma outra coisa no mundo capaz de proporcionar maior alegria do que dar conhecimento da verdade a outras pessoas. Sentimos isto constantemente no serviço missionário.

Uma senhora convertida em Idaho visita-me com freqüência, e me telefona praticamente após cada conferência. Ela é enfermeira. Entregou-me um cheque de quinhentos dólares para o hospital infantil porque, por ocasião da morte de seu marido, um membro da Igreja visitou-a para explicar o que ela poderia esperar do futuro, se conhecesse a verdade. Recebi uma carta dela, recentemente, dizendo que na Igreja encontrara mais amor do que jamais recebera, mesmo da própria mãe.

Recebi uma carta de outra senhora do Alabama, que perdeu o marido. É uma mulher digna e maravilhosa. Os missionários levaram-lhe a verdade. Agora ela escreve que jamais conheceu tamanha alegria em toda sua vida como desde que recebeu o evangelho. Ela está fazendo um trabalho maravilhoso na Igreja. Constantemente recebemos notícias como estas.

Lembram-se da historieta que o

Presidente Grant costumava contar sobre o irmão escandinavo que se converteu e veio para a América? Ele não sabia muita coisa a respeito da Igreja. Então o bispo foi procurá-lo e explicou-lhe a lei do dízimo. Ele finalmente concordou em pagá-lo. A seguir, o bispo pediu-lhe uma oferta de jejum. Ele concordou também com a oferta. Depois quiseram construir uma capela. O tal irmão achava que aquilo seria financiado pelo fundo de dízimo, mas antes de o bispo terminar, ele fez sua contribuição. Então o bispo foi pedir-lhe que o filho fizesse missão, ao que ele reagiu:

— Agora, bispo, está pedindo demais.

O bispo perguntou:

"Que tipo de homem seria eu se os quisesse fora da Igreja por um milhão de dólares?"

— Irmão Fulano, quem você mais ama neste mundo, descontando sua família?

Depois de pensar um minuto, ele disse:

— Acho que é aquele élder mórmon que foi até a Terra do Sol da Meia-noite e me ensinou o evangelho de Jesus Cristo.

— Irmão Fulano, o que você acha de alguém amar seu filho como você ama aquele missionário?

— Bispo, você venceu mais uma vez. Leve-o.

Simplesmente não há como escapar.

Quando parti para minha primeira missão, o Presidente Anthon H. Lund disse-nos que seríamos amados pelas pessoas e advertiu: "Não se encham de orgulho, pensando que os amam porque são melhores do que os outros. Eles vão amá-los por causa do que lhes levam." Na ocasião, não entendi muito bem o que ele queria dizer, mas antes de partir da Holanda eu sabia. Derramei muito mais lágrimas, quando parti de lá do que quando saí de casa para ir à Holanda.

Fui com meu companheiro visitar uma casa onde eu fora o primeiro missionário. Fitando-me nos olhos, com lágrimas rolando-lhe pelas faces e molhando a frente do avental, uma irmã me disse: "Irmão Richards, foi duro ver minha filha partir para Sião semanas atrás, mas é muito mais duro ver você fazê-lo." Então eu soube o que o Irmão Lund quis dizer com: "Eles vão amá-los por causa do que lhes levam."

Fui despedir-me de um irmão que usava a farda de seu país. Era alto e ostentava uma pequena barba à moda holandesa. Ele caiu de joelhos, tomou minha mão entre as suas e a beijou. Então penso haver entendido o que o Irmão Lund quis dizer.

Remontando a tempos passados,

cada um de nós é devedor de algum missionário por pertencer a esta Igreja. Por que não assumir a responsabilidade de passar o evangelho adiante?

Digo-lhes que, quando prestarem testemunho da divindade desta obra, vai acontecer algo.

Lembram-se de quando Pedro estava diante do povo no dia seguinte ao de Pentecostes, e o povo ouviu o evangelho pregado em sua própria língua? Eles compungiram-se em seu coração, não apenas devido à filosofia, mas por causa do testemunho prestado por Pedro de que Jesus era o Cristo, Filho de Deus vivo.

Quando os missionários partem para o campo, digo-lhes que nunca testificarão que Jesus é o Redentor do mundo e que Joseph Smith foi seu profeta e que o Livro de Mórmon é verdadeiro, sem que o Senhor faça arder dentro deles o seu peito; e, se prestarem testemunho acompanhado do Espírito do Senhor, de modo que suas palavras não sejam como o metal que soa ou como o sino que tine, elas tocarão o coração dos honestos e serão instrumento para trazer pessoas à Igreja.

Aconteceu em Nova York há algum tempo atrás. Eu disse aos santos de lá que o presidente lhes pedia que fossem todos missionários, e prossegui: "Bem, agora parem e pensem por um minuto em algum não-membro que conhecem — um colega de trabalho, vizinho, amigo ou parente — alguém a quem poderão dar conhecimento da verdade. Eles os amarão por isso durante as eternidades. Ser-lhes-á mais valioso do que se lhes dessem um milhão de dólares."

Não muito depois, recebi uma carta de um moço de Houston, Texas. Ele estivera em Nova York para uma convenção profissional e comparecera a nossa reunião. A carta dizia: "Irmão Richards, ouvi-o convidar cada um de nós a ser um instrumento nas mãos do Senhor, levando alguém ao conhecimento da verdade. Escrevi a minha mulher, dizendo que lhe faria uma proposta, quando chegasse em casa." Chegando em casa, contou-lhe o que eu havia falado e acrescentou: "Tenho um colega de trabalho que sabe que eu sou mórmon, mas nunca lhe expliquei por quê. Gostaria de convidá-lo para jantar, com a esposa, algum dia destes. Após o jantar, teremos sobre o que conversar."

Para encurtar a história, escreveu-me uma carta de duas páginas, para falar da alegria sentida ao poder conduzir aquele colega e sua esposa às águas do batismo. Encontrei-o posteriormente em Houston. Acho que agora é o presidente da Escola Dominical da estaca.

Ouvi um missionário da região noroeste dos Estados Unidos afir-

mar que não trocaria sua experiência na missão por um milhão de dólares. Sentado atrás deles, indaguei a mim mesmo: "Você trocaria por um milhão de dólares sua primeira missão na pequenina Holanda?" Pus-me a contar as pessoas que tive o privilégio de trazer para a Igreja e cujos filhos, netos e até mesmo bisnetos estou vendo sair em missão. Que tipo de homem seria eu, se os quisesse fora da Igreja por um milhão de dólares? O filho de uma delas fez pela Igreja mais que o suficiente para compensar-me por tudo o que fiz.

O Irmão Matthew Cowley foi um dos grandes missionários da Igreja. Falando na reunião devocional de 12 de março de 1946, na Universidade Brigham Young, fez a seguinte declaração, e quero transmiti-la literalmente por expressar tão bem o que sinto em relação ao grandioso programa missionário da Igreja.

"Conforme sabem, estive em duas missões na Nova Zelândia. Freqüentei duas universidades e digo agora de início, se tivesse de voltar a viver minha vida e escolher entre as missões na Nova Zelândia e minha educação universitária, optaria pelas missões sob todos os pontos de vista - do ponto de vista educacional, do ponto de vista de crescimento espiritual, aprimoramento do caráter e todos os demais ângulos que pudéssemos levar em consideração. Eu não as trocaria por nada. Assim, pois, alegra-me estar diante de vocês não como advogado, não como bacharel, mas como missionário." (*Matthew Cowley, Man of Faith,* p. 203.)

É o que eu sinto. Considero o programa missionário da Igreja a maior coisa em todo o mundo. É um programa de que todos podemos participar, independentemente de onde viemos ou o que fazemos — não só com palavras mas com a nobreza de nossa vida, fazendo nossa luz resplandecer de tal forma que o mundo, vendo nossas boas obras, possa glorificar nosso Pai que está nos céus. (Ver Mat. 5:16.)

Geralmente não obtemos uma resposta fácil para a maioria de nosos problemas. Cada indivíduo deve pensar, planejar, trabalhar e orar para obter a ajuda de que necessita e a coragem que precisa ter para conquistar seus problemas ou carregar sua cruz — seja qual for o peso do seu fardo. Os vencedores estabelecem metas realizáveis dia após dia. Seus planos consistem em coisas que podem ser feitas e não naquilo que não é realizável. Eles lembram que Deus não nos deu um espírito temeroso, mas o poder de amar e pôr em exercício uma mente saudável.

Meu Mestre mais Influente

por Kay H. Wilson, Bispo da Ala 28 de Pocatello, Idaho.

Darcus Davis Hyde foi a professora que mais me influenciou. A primeira vez que a vi, ela estava lavando uma enorme quantidade de roupas no tanque.

À medida que Blaine e eu nos tornamos mais íntimos, tomei conhecimento de que sua mãe tinha estudado somente até a oitava série da escola e se casado aos 15 anos de idade. Seu pai era um tanto idoso e tinha uma saúde muito precária.

No início do ano escolar de 1952, entramos para a Universidade de Brigham Young como calouros. Nós tínhamos sido sempre ótimos alunos no colégio, mas o novo ambiente, as novas atividades sociais, os novos amigos, coisas para fazer, e lugares para ir, ocuparam muito de nosso tempo. E assim fomos reprovados e perdemos a bolsa de estudos no terceiro trimestre ao fracassar na tentativa de melhorar nossas notas.

Minha mãe suportou este revés em sofrido silêncio. Mas a mãe de Blaine deu vazão aos seus sentimentos. Ela nos censurou e nos humilhou, e finalmente declarou que daria qualquer coisa para ter a chance que nós tínhamos, aparentemente, acabado de jogar fora para sempre. A repreensão terminou com Blaine dando-lhe o desafio: "Se você é tão inteligente, por que não vai mostrar-nos como fazê-lo?"

Quanto mais pensava no desafio, mais decidida ficava. Preparou-se bastante e finalmente com um empréstimo de 50 dólares, ela matriculou-se na Universidade de Brigham Young, como uma caloura de 35 anos de idade. Dentro de alguns meses surgiu uma das mais brilhantes inteligências que eu tive o privilégio de conhecer. Depois do primeiro trimestre, ela ganhou uma bolsa de estudos e conseguiu um emprego de meio período como monitora de inglês. Algumas vezes ela dava aulas a classes a que havia pertencido no trimestre anterior. Completou o curso de quatro anos em três e foi a melhor aluna de sua classe.

A melhor aluna obteve imediatamente emprego como professora assistente de inglês na BYU e posteriormente alcançou a posição de professora efetiva.

Ocorreu em minha própria vida um período de amadurecimento marcado primeiramente por uma missão e o casamento. Voltei ao estudo e às boas graças da BYU. Eu a via freqüentemente e maravilhava-me com ela e com a reviravolta em nossa vida. Minhas lembranças dela como estudante vestida modestamente e com os olhos cansados pelo estudo constante, foram substituídas pela visão de uma respeitável professora de inglês.

A última vez que a vi foi pelas dez horas de uma noite quando estava a caminho de casa vindo de uma reunião e passando por sua casa. Era uma confortável casa de tijolos vermelhos. Sua família já se recolhera, mas ela me convidou a entrar e conversarmos.

Em tempos de desânimo e frustração penso nela, e compreendo que nada de valor na vida é obtido facilmente, mas que todas as coisas estão dentro de nosso alcance se desejamos pagar o preço. E que dentro de cada um de nós está um gigante adormecido esperando somente pela motivação certa para despertar.